R E V I S T A
ESPAÇO

n.
64

período
jan-jun

ano
2026

ENTRE DESENHOS, IMAGENS, SINAIS E PALAVRAS: ARTEVIVÊNCIA NA ESCOLA COM SURDOS

Between drawings, images, signs and words: artexperience at school with deaf students



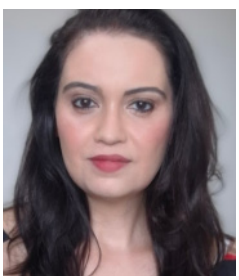


Lucia Vignoli[1]





Joana Lyra[2]





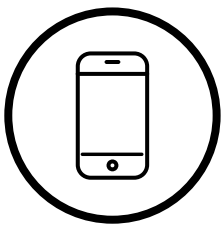
Juliana Zarur de Andrade Silva[3]

[1] Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mmoraes@ines.gov.br
[2] Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. jlyra@ines.gov.br
[3] Colégio Pedro II - CPII, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. juliana.zarur@gmail.com

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

RESUMO
Esse texto vem sendo tecido com pensamentos em torno da ativação de uma ampla escuta visual em aulas de arte com estudantes surdos. A arte e a cultura surda presentes nas produções dos discentes mostram forte carga subjetiva, simbólica e política. Entre desenhos, imagens, sinais e palavras, a artevivência se instala narrando vidas e compondo criações coletivas impregnadas das histórias da comunidade surda, os pleitos, as lutas e a resistência à opressão ouvintista. Ler os discursos em língua de sinais sobre as vidas e produções dos estudantes surdos torna possível vislumbrar a compreensão de corpos-narrativas. As observações aqui brotam da articulação entre nós, integrantes do grupo de pesquisa Artegestoação, sediado no Instituto Nacional de Educação de Surdos, coletivo que lida com pesquisas, práticas e ações pedagógicas transdisciplinares em educação bilíngue de/com surdos, na interface com as linguagens artísticas e outros campos de conhecimento.
Palavras-chave: Arte Surda. Artevivência. Educação bilíngue. Escuta visual.

ABSTRACT
This text has been woven together from reflections on fostering a broad visual listening experience in art classes with deaf students. The deaf art and culture evident in the students' work reveal a strong subjective, symbolic, and political dimension. Through drawings, images, signs, and words, art-living takes root, narrating lives and composing collective creations steeped in the stories of the deaf community, its demands, struggles, and resistance to hearing-centered oppression. Reading the sign language discourses about the lives and works of deaf students makes it possible to glimpse an understanding of narrative bodies. The observations presented here stem from the collaboration among us, members of the Artegestoação research group, based at the National Institute of Deaf Education, a collective engaged in transdisciplinary research, practices, and pedagogical actions in bilingual education of/with the deaf, at the intersection with artistic languages and other fields of knowledge.
Keywords: Deaf Art. Artexperience. Bilingual education. Visual listening.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://www.youtube.com/watch?v=1oGp7xjiGvg

Introdução

A historiadora da arte Andrea Giunta, em seus estudos sobre o sexismo no campo da arte, fala da importância de uma "[...] emancipação estética cidadã [...]" (Giunta, 2021, p. 90, tradução própria), conceito que desloca a discussão da arte do campo restrito do gosto individual para o âmbito dos direitos. Para a autora, quando determinadas produções e sujeitos são excluídos do sistema da arte, não são apenas as(os) artistas que perdem espaço de representatividade; toda a sociedade perde, pois lhe é negado o direito de ver, conhecer e construir repertórios diversos. As instituições artísticas, ao limitarem esse acesso, acabam orientando o público a valorizar certas produções e a desconsiderar outras, consolidando padrões de apreciação baseados em critérios consagrados que, historicamente, foram estruturados por lógicas sexistas e racistas e, se deslocarmos a reflexão para o contexto da surdez, também marcadamente ouvintistas.

Esse sistema da arte, estruturado por uma lógica ouvintista, reforça a ausência de artistas surdas(os) em museus, exposições e livros de História da Arte, ausência que também se reproduz nos cursos superiores de bacharelado e licenciatura em Arte. Seguindo a lógica do pensamento de Giunta (2021), essa tendência não pode ser compreendida apenas como uma falha de inclusão, mas como uma violação do direito coletivo à pluralidade estética e ao acesso a diferentes formas de produção e experiência artística.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Como desdobramento da pouca atenção dedicada à representatividade de artistas surdas(os) e às discussões sobre Arte Surda nos cursos de licenciatura em Arte, essas produções e referenciais quase não chegam ao currículo da Educação Básica, o que contribui para a manutenção de um ciclo contínuo de apagamento. Romper com essa lógica implica pensar uma educação para pessoas surdas que se posicione criticamente diante do sistema ouvintista, reconhecendo a potência da Cultura Surda e da experiência visoespacial como dimensões constitutivas da produção estética.

Nesse horizonte, a escola e o ensino de Arte podem assumir um papel estratégico na promoção da "[...] emancipação estética cidadã [...]" (Giunta, 2021, p. 90, tradução própria), ao assegurar que estudantes surdas(os) tenham contato com narrativas, imagens e criações artísticas que dialoguem com suas experiências, com a língua de sinais e modos próprios de perceber e significar o mundo.

"É contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que damos a nós próprios uma identidade no tempo" (Larrosa, 1994, p. 69). Partindo dessa compreensão, quando estudantes surdas(os) têm espaço dentro da escola para narrar suas vivências e a trajetória da comunidade surda, não estão apenas compartilhando experiências, mas produzindo sentido sobre si e inscrevendo suas identidades em uma dimensão histórica. Esse gesto narrativo torna-se, portanto, um ato de afirmação e de resistência.

Ao assumirem a palavra sinalizada no espaço ou a produção imagética visual para contar suas próprias histórias, estudantes surdas(os) também problematizam a imposição da cultura "ouvintista", na qual "[...]o surdo é obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte. [...] é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte[...]" (Skliar, 2013, p. 15). Narrar-se a partir de referenciais surdos, e não sob o prisma da falta, constitui um movimento político e pedagógico que desloca a surdez do campo da deficiência para o da diferença cultural e linguística.

VIDAS SURDAS

Oferecer a estudantes surdas(os) imagens produzidas por artistas surdas(os) reconhecidas(os) no campo artístico é fundamental como estratégia de representatividade. No entanto, não basta garantir a presença de autorias surdas nos repertórios escolares; é igualmente necessário apresentar obras e incentivar produções que tematizem a experiência da "surdidade", conceito formulado por Ladd (2003) para designar a condição de "ser-surdo-no-mundo" e que carrega a ideia de processo, considerando ainda outros marcadores que definem experiências de pessoa surda, como gênero, raça e classe. Ou seja, não se trata apenas de quem produz, mas do que é produzido e de quais experiências são tornadas visíveis.

Nesse sentido, o arsenal da Arte Surda — compreendida aqui como a produção artística que traz à tona a experiência histórica, cultural e política da surdidade — torna-se elemento central para a alfabetização política de estudantes surdas(os). Trata-se de uma arte que, como bem evidenciam os estudos de Neves (2021), articula resistência, denúncia e afirmação: resistência ao padrão normalizador ouvinte; denúncia das violências inscritas em um passado coletivo e de um discurso médico que marcou corpos surdos como anormais e ocupou diferentes espaços sociais, especialmente o educacional; e afirmação da língua de sinais e dos modos próprios de existir, perceber e se relacionar com o mundo, construídos pela coletividade surda.

Neves (2021), ao analisar as produções das artistas surdas estadunidenses Nancy Rourke e Susan Dupor, estabelece um paralelo entre as obras dessas artistas e o conceito de "escrevivência", formulado por Conceição Evaristo. Para Evaristo, escrevivência pode ser

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

compreendida como uma escrita que, ao falar de si, reflete também a história de uma coletividade. Ainda que as artistas analisadas por Neves não sejam negras e que suas produções não se realizem no campo da escrita, a pesquisadora identifica, nas obras dessas artistas surdas, um movimento semelhante, no qual experiências individuais se entrelaçam a experiências compartilhadas por outras pessoas surdas.

Como afirma Neves:

> [...] é impossível para as artistas se desvencilharem do seu corpo-mulher-surda e, como afirma Evaristo (2009), por ser esse corpo e não outro, vivenciam as experiências que um corpo não surdo jamais poderia experimentar, e estas experiências são partilhadas por outras mulheres surdas de forma semelhante. Ou seja, as artistas contam suas histórias nas telas e, simultaneamente, as histórias de outras pessoas surdas. Não há como dissociar o individual do coletivo, e isso, quando registrado, torna-se escrevivência (Neves, 2021, p. 25).

Partindo do conceito de escrevivência de Evaristo (2009) e estabelecendo um paralelo com produções artísticas de mulheres negras que abordam a experiência de ser mulher negra no mundo, Alves, Vieira e Rodrigues (2024) formulam o termo "artevivência". O conceito busca transpor para o campo das visualidades a ideia presente na escrevivência, indicando produções artísticas nas quais a experiência vivida, que também diz respeito a uma coletividade, se inscreve nas imagens.

Esse termo parece fecundo também para pensar a arte surda, entendida aqui como a produção artística que expressa a experiência da surdidade. Assim como na artevivência, as narrativas visuais produzidas por artistas surdos e surdas frequentemente articulam experiências individuais às histórias coletivas de sua comunidade.

Empregamos esse termo, contudo, de forma cuidadosa, tomando-o de empréstimo para o campo da Arte Surda com o devido respeito às origens do conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo para dar conta das experiências históricas e sociais de mulheres negras. Reconhecemos que esse conceito emerge de uma reflexão situada nas vivências dessas mulheres e nas marcas históricas do racismo.

Ao mobilizarmos o termo artevivência neste contexto, não pretendemos deslocá-lo de sua matriz teórica, mas utilizá-lo como uma chave interpretativa para pensar produções visuais que também emergem de experiências corporificadas e compartilhadas. Nesse sentido, recorremos a ele para refletir sobre a experiência da surdidade de forma ampla — envolvendo pessoas surdas negras ou não, de diferentes gêneros —, ainda que reconheçamos que marcadores como raça, gênero e classe, entre outros, produzem diferenças significativas nas experiências das pessoas surdas.

Sob essa perspectiva, a Arte Surda não apenas amplia repertórios estéticos, mas convoca uma leitura crítica da história e das estruturas que produziram silenciamentos. Ao falar da experiência coletiva da surdidade, ela transforma memória em linguagem visual e faz da produção artística um espaço de reivindicação de direitos.

> Na minha perspectiva, as Artes Surdas representam a expressão da cultura visual e o reconhecimento do valor da Libras como forma de criação e comunicação artística. Diferente das artes tradicionais, geralmente influenciadas pela cultura ouvinte, as Artes Surdas nascem da experiência visual e da identidade da pessoa surda. O termo "Artes Surdas" abrange manifestações como a literatura surda, a poesia em Libras, a pintura feita por artistas surdos, a dança visual e outras formas de expressão que utilizam o corpo, as mãos e o olhar como instrumentos de linguagem.
>
> Para mim, as Artes Surdas são uma forma de valorizar a língua visual e afirmar a identidade cultural surda. Quando mergulho nesse universo, sinto que estou completamente conectado à minha essência: uma arte construída com o olhar, com o corpo e com os sinais, uma arte que é, acima de tudo, visual, viva e cultural (Boaretto, 2025, p. 258 - 259).

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

A conversa como dispositivo afetivo e pedagógico em Ribeiro e Sampaio (2018), nos impele a iniciar investigando nas conversas, olhares, trocas e partilhas, tecendo as relações na sala de aula, onde somos convocadas a exercer a ampla escuta visual (Vignoli, 2022) para ver-ouvir e viver a artesania narrativa presente na corporalidade em ação. O corpo como narrativa, como voz, é sujeito, cenário e paisagem. Corpo-discurso.

MUNDO LIBRAS

O Congresso do INES em 2025 celebrou os vinte anos da regulamentação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão, com sistema linguístico de natureza visual-motora e estrutura gramatical própria (Brasil, 2002). Esta regulamentação foi instituída pelo Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, indicando a inserção da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (Brasil, 2005). Posteriormente a Lei nº 14.191/2021, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), estabelecendo a educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino independente, caracterizada pela utilização da Libras como primeira língua e do português escrito como segunda língua (Brasil, 2021). Nítidos avanços, momento de afirmação mas também de reflexão sobre o quanto ainda necessitamos trilhar na luta por equidade linguística, acessibilidade e cidadania.

As cenas que vamos narrar neste relato se referem às aulas-encontros com a arte no Instituto Nacional de Educação de Surdos, salas com espaço amplo, grandes mesas, nas quais os estudantes sentam-se como numa roda, com variados materiais plásticos, pesquisas e informações visuais para as atividades (impressas ou projetadas). Espaço de afeto e acolhimento onde as crianças, jovens e adultos do colégio de aplicação (ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos) se sentem à vontade. Muitas vezes, em momentos que se encontram livres, os estudantes aparecem no espaço das salas de artes para nos saudar, pedir um material que necessitam ou mesmo para saber o que está acontecendo por lá. Cuidar dessa relação, para nós, é afirmar o encontro-aula de artes como a própria obra de arte, o espaço imantado de construção coletiva, no qual docentes e estudantes criam em conjunto. Como professoras-investigadoras-artistas consideramos que a arte contemporânea possui o vetor de conclamar o outro, trazendo novos significados para o vocábulo contemporâneo, se valendo nesse caso do prefixo co, que abarca o cooperar, o coletivo, o conjunto, o colaborar (Corrêa dos Santos, 2015).

> Para escrever a escrita-arte, muitos e diversos dispositivos devem ser acionados: disponibilidade de espírito, concentração, capacidade de observar e estar fora, viver intensamente o vivido, guardar, selecionar, espalhar, deslocar, redimensionar, sair de si mesmo, ver de outros pontos, retirar-se, manter-se atento, sonhar as almas e mapear a sinuosidade de cada rede de sentimentos; ler, deixar-se contrapor, examinar os recursos e os processos já inventados por outros e, portanto, em uso na mesma arte ou em diferentes artes (Corrêa Dos Santos, 2015, p.158).

O tema, a Lei de Libras, é lançado ao grupo de estudantes jovens e adultos: pesquisar a importância da língua de sinais para a comunidade surda e a criação de frases e lemas para um mural feito com pedaços de mapas de diversos lugares. Ler os mapas, se localizar e compreender os fluxos de linhas que nos atravessam. Uma defesa nossa, da condição do

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

desenho como pensamento, das grafias do mundo inscritas na descrição de tudo que vemos, aparece na conversa. O planeta Terra pode ser explicado através de desenhos, nosso corpo, nossos órgãos, os objetos do mundo, evidenciando a força da investigação-vida em gestos sobre nossas práticas na sala de aula (Lenz, Ramallo & Ribeiro, 2023). A conversa segue e os corpos-narrativas transbordam em língua de sinais o não acesso a direitos básicos, a ausência de intérpretes em espaços institucionalizados e a dificuldade de comunicação. Reverenciam a história do instituto, buscando em pesquisas na internet palavras e frases com desejo de afirmar vidas surdas. E as mãos representadas em registros e desenhos sempre presentes, tocam os mapas, os mundos, as vidas. Nos leva ao que diz Vilhalva, sobre a Pedagogia Surda, ancorada na experiência visual e no contato com histórias de vida de surdos.

> Nessa direção, vale pensar com o estudante: se língua e vida estão juntas, se retroalimentam e ampliam sentidos mutuamente, não seria o ensurdecer as práticas, no sentido de assumir o compromisso ético e político de uma instrução em Libras, um desafio necessário? E ensurdecer como tornar presente as produções culturais e epistemológicas surdas: artes, poesia, saberes, brincadeiras, experiências surdas como parte constitutiva dos currículos vividos e tecidos nos cotidianos das escolas (Ribeiro; Silva; Vignoli, 2019, p. 255).

Como nos guia Giunta (2021), a produção e difusão da arte em coletividade no sentido de garantir direitos é reconhecer a potência das múltiplas poéticas e estéticas, é legitimar corpos-vozes.

Eleitas e inscritas no mural, as palavras: respeito, felicidade, cuidado, saúde, arte surda, vida surda, paz. Sentimentos e desejos emergem nos desenhos, nos desígnios, nas marcas e nas escrituras. Artevivência surda em novas ressignificações narrativas de vidas, histórias e memórias presente nos corpos-discursos-coletivos.

Figura 1. Mundo Libras, detalhe de mural coletivo para celebrar os vinte anos da Lei de Libras.



UNIVERSOS SURDOS

O trabalho “Universos Surdos”, desenvolvido com estudantes do Instituto Nacional de

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Educação de Surdos (INES) em 2016, e posteriormente exposto no XV Congresso Internacional do INES (COINES), articulou estudos sobre a Arte Neoconcreta — especialmente as proposições de Lygia Clark e Hélio Oiticica — com produções da Arte Surda.

A partir dessas referências, os estudantes criaram diferentes objetos sensoriais e interativos, com destaque para as caixas de sensação, reunidas sob o título “Universos Surdos”. Inspiradas nos Bólides de Hélio Oiticica e em obras de artistas que abordam a temática da surdez — como Nancy Rourke e Billy Saga —, essas caixas foram concebidas como narrativas visuais e sensoriais sobre a história, a cultura e as lutas da comunidade surda.

Na elaboração dessas caixas, os estudantes foram convidados a selecionar materiais, texturas e objetos, bem como a criar símbolos capazes de traduzir sensações e memórias associadas à experiência da surdidade. Emergiram, assim, referências à história da educação de pessoas surdas, à imposição do oralismo, às formas de preconceito enfrentadas pela comunidade surda e à luta pelo reconhecimento da Libras e da cultura surda. Temas como as relações entre surdos e ouvintes, as tensões produzidas por uma tradição educacional marcada por perspectivas ouvintistas e as afirmações identitárias da comunidade surda apareceram nessas caixas-narrativas sensoriais, nas quais memória, política e experiência corporal se entrelaçaram.

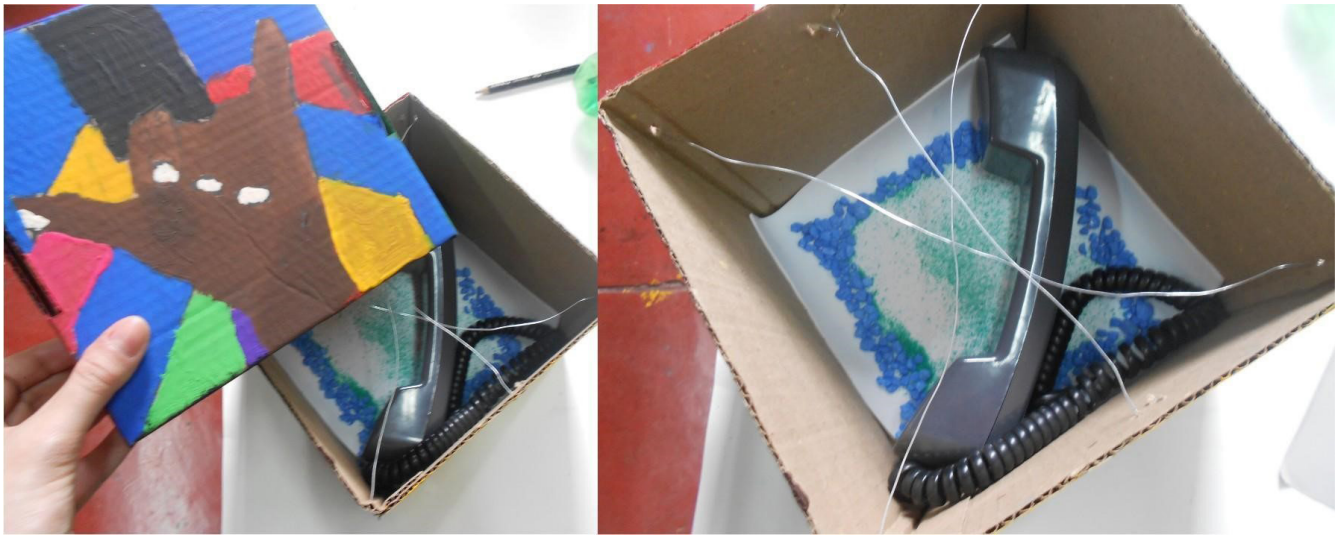
Essas caixas-discursos, caixas-manifestos, são projeções das individualidades que as criaram e carregam sentidos coletivos. São artevivências de estudantes que se apropriaram da proposta de criar narrativas visuais sobre si e sobre a surdidade. Nesse processo, debateram suas próprias questões e produziram Arte Surda.

Figura 2. Caixa sensorial cujo exterior expressa dor e sofrimento, remetendo ao período de imposição do oralismo e de proibição da Libras como língua de instrução. Ao ser aberta, revela um interior marcado por elementos da natureza e por mãos representadas como borboletas, símbolo da liberdade de se comunicar e da valorização da língua de sinais.



https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Figura 3. Caixa sensorial que exibe elemento da cultura ouvintista inacessível à pessoa surda.

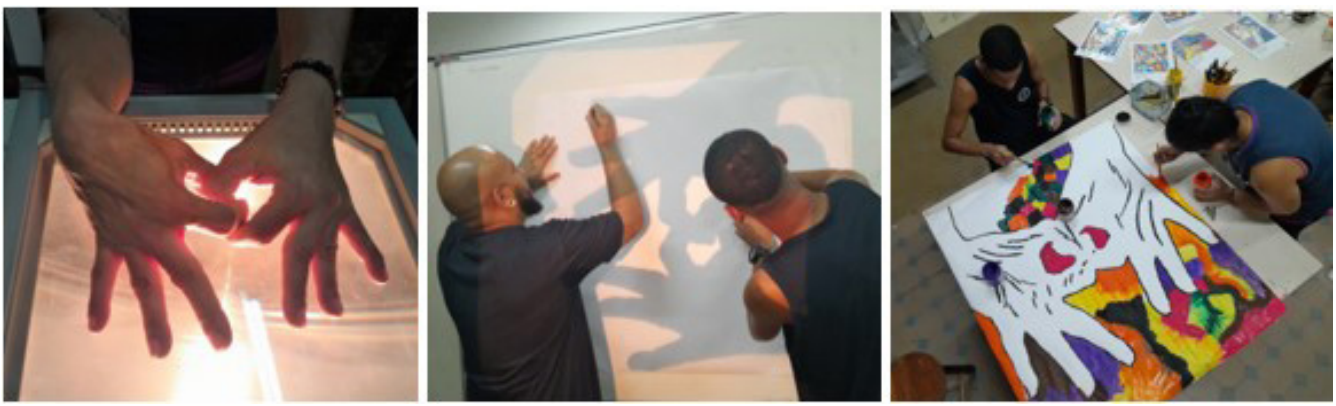


SINAIS VIVOS

O projeto Sinais vivos, realizado com estudantes da educação de jovens e adultos, teve como culminância a participação na exposição Setembro Azul em 2024, organizada pela equipe de professores do Núcleo de Artes do INES. A partir da obra da artista surda estadunidense Nancy Rourke, grande referência e ativista da comunidade surda, os grupos de estudantes entraram em contato com aspectos da biografia da artista e conversamos sobre seu engajamento na afirmação das identidades surdas através da arte. Observamos, em suas pinturas, possibilidades de expressão da língua de sinais nas artes visuais.

O segundo momento consistiu em experimentações utilizando o retroprojetor, ferramenta que nos possibilitou ampliar a imagem dos sinais realizados pelas/os estudantes, resultando em sombras projetadas sobre papel de grande formato. A proposta foi acolhida e realizada de maneira colaborativa pelos grupos de estudantes. A surpresa de realizar e observar os sinais ampliados em grande escala e a possibilidade de desenhá-los com agilidade conduziu o início do processo.

Figura 4. Sinais Vivos em três momentos do processo: o sinal de união em Libras, a ampliação e produção de pintura em grande formato.



O sinal de união surgiu como uma ideia a ser elevada e ampliada. Riscar este gesto para em seguida partir para o momento da utilização da cor, através da pintura, revela um proces-

so de escrita com os sinais pintados. A experiência de gravar os sinais através das silhuetas das mãos expõem desejos, significados e intenções. Trazem para a cena, nos encontros-aulas, poéticas impregnadas de surdidade, revelando as obras como textos, manifestos. E abarcam a noção de produção de discurso pessoal e coletivo que nos aponta a artevivência, transpondo para o campo das subjetividades surdas presentes nas produções em arte.

> Quando nós, como educadores, permitimos que nossa pedagogia se transforme radicalmente ao reconhecer o multiculturalismo do mundo, podemos oferecer aos alunos a educação que eles desejam e merecem (Hooks, 2018, p. 33).

Afetar os espaços da escola intervindo com as produções dos projetos de arte das/dos estudantes é afirmar a vontade de partilhar a conversa com a comunidade escolar, produzir estranhamentos no cotidiano e ver brotar novos discursos e impressões. É também uma das ações que o grupo Artegestoação vem se dedicando: a apropriação dos espaços da escola por projetos que transbordam a produção das/dos discentes. As pinturas amplas feitas com as mãos sinalizantes montadas em longos tecidos e expostas na entrada do instituto nos dizem de uma língua que é corporalidade dinâmica. Nos liga ao que aponta a Pedagogia Surda (Vilhalva, 2004), a afirmação e legitimação da subjetividade de corpos surdos sinalizantes criando sentidos e conhecimentos em coletividade, mostrando a afirmação de uma cultura linguística e culturalmente visual.

Figura 5. Instalação Sinais Vivos no saguão de entrada do INES.



https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

BORDAR A VIDA

O projeto “Bordar a vida” teve início com a realização de fotografias dos rostos das/os estudantes fazendo seus sinais e sua impressão em papel tamanho A4. O prazer em se verem retratadas/os nos leva a refletir sobre a importância da afirmação de suas identidades. Entendemos o acontencimento-aula como ‘feira’, lugar das trocas e partilhas, onde dispomos num ‘balaio’ temas, palavras, informações visuais que adensadas pela conversa em língua de sinais vão criando significados. Numa via de mão dupla os estudantes trazem ao ‘balaio’ suas vivências, dúvidas, questionamentos e demandas. Se olhar nas fotografias impressas fazendo seus nomes em sinais foi um momento sensível; observar a própria imagem, conhecer a imagem do outro, gravar o gesto de seus sinais, de suas identidades, e em seguida intervir. Cada estudante se dedicou ao processo de bordar a si mesma/o com linhas coloridas. Entre conversas e negociações, escolhendo cores e caminhos para inscrever em suas imagens, criaram seus retratos bordados, expressando envolvimento, cuidado e delicadeza.[4]

Figura 6. Projeto Bordar a vida em processo.



Figura 7. Retratos bordados



[4] As fotografias dos alunos Andreia Araújo de Sales e Welton Salles Cecilio Pereira, do Colégio de Aplicação do INES, aqui apresentadas, estão autorizadas a serem veiculadas no presente texto, conforme termo de autorização de uso de imagem.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

CRISTO SURDO

Pôr a mesa (Skliar, 2019, p. 40) da sala de aula para receber os grupos de estudantes envolve querer ofertar no ‘balaio’ uma isca que possa aguçar a curiosidade e sensibilidade. O gesto de arrumar a mesa vem no intuito de despertar a conversa inicial, acolher os temas e as inquietações que produzem narrativas, sentidos e conhecimentos de mundo. A cidade do Rio de Janeiro, nesse encontro-aula, é o ponto de partida. A turma de quinto ano chega agitada, observando e reconhecendo as diversas imagens de paisagens e lugares da cidade dispostas na mesa. A conversa gira em torno dos caminhos que fazem para chegar ao instituto, o que observam crianças e jovens em seus trajetos, como balizam suas direções.

A proposta é lançada: escolher as imagens e criar montagens, pintando, cortando, colando. Surge o Cristo com uniforme do INES. Um sorriso e a afirmação: o Cristo é surdo. A experiência da surdidade, de ser-surdo-no-mundo se projeta na imagem pelo olhar e a inscrição de uma criança e nos encanta por expressar o desejo, a brincadeira, a surpresa e trazer a tona um texto simbólico implícito.

Figura 8. O cristo com uniforme do INES.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de aprender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (Freire, 1996. p.77).

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Aprendemos com nossos estudantes, nos encontros-aula, entre trocas contínuas, atentos às inquietações e surpresas, entendendo que abrir-se ao risco para nós é ampliar a escuta, sensibilizar o olhar, ensurdecer as práticas, transbordar a escola e com-viver. Ramos que brotam na disponibilidade de encontrar sentido no encontro com o outro, com as diferenças, com corpos-discursos em mínimos ou expandidas narrativas em língua de sinais.

Apostamos numa educação sensível, na experiência estética como fortaleza, na arte e nas partilhas poéticas presentes nos corpos e mãos dos estudantes. Nesse gesto-ação pedagógico, convocamos estudantes a olhar para seu passado coletivo, a assumirem-se como narradores de sua própria história e celebrantes da cultura surda. Trata-se de um movimento que remete ao princípio expresso pelo símbolo adinkra Sankofa: aprender com o passado para construir o futuro (Nascimento; Gá, 2022). Ao rememorar as lutas da comunidade surda — articuladas às lutas feministas, raciais, de classe e a tantas outras necessárias — os estudantes são convidados a revisitar essas memórias, reelaborá-las e, a partir delas, abrir-se para novas formas de existência e ação coletiva. Nós, docentes, também. O enunciado Volte e Pegue significado na imagem do pássaro que olha para trás, para o passado para seguir ao futuro de Sankofa, inspirou os professores do Artegestoação e estudantes da educação de jovens e adultos na elaboração de imagem colaborativa para experimentar em serigrafia. O pássaro de Sankofa nesse caso possui mãos. Com o lema Educação de Jovens e Adultos Surdos - Aprender para Transformar.

A política da amizade constelada com palavras e sem palavras, como a manifestação extrema do estar (Skliar, 2014) é dispositivo para acender novos modos de pensar e fazer coletivos, entre nós.

Artegestoação segue esse caminho, de cultivar afetos compartilhando desejos e práticas para habitar uma língua que se espraia no espaço, investigando e se encantando com a Arte e a Cultura Surda pulsante nos encontros-aulas, buscando renunciar ao já consabido para viver e sonhar junto.

Figura 9. Imagem de Sankofa com mãos produzida em serigrafia para estampar camisetas e sacolas por estudantes e professores do Serviço de Educação de Jovens e adultos.



https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

REFERÊNCIAS

BOARETTO, Ricardo. Arte e Cultura Surda. **Revista Espaço**. n. 63, jul-dez de 2025. p. 258 a 259.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 08 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 08 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em 08 mar. 2026.

CORREA DOS SANTOS, R. Cérebro Ocidente/Cérebro Brasil: **Arte-escrita-vida-pensamento-clínica** – Tratos contemporâneos. Rio de Janeiro: Circuito; Faperj, 2015.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Org.). **Escrevivência - a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIUNTA, Andrea. **Feminismo y Arte Lationamericano**: história de artistas que emanciparon el cuerpo. 2. ed. Buenos Aires: Sigilo XXI, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture**: In Search of Deafhood. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação:** estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p. 35–86.

LENZ, Rossana Godoy; RAMALLO, Francisco; RIBEIRO, Tiago. Investigações-vida em Educação: escutar, conversar e constelar. **Revista Teias** [online]. 2023, vol.24, n.esp, pp.303-313, 2023.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos. **Adinkra**: sabedoria em símbolos africanos. 2.ed. Rio de Janeiro: Cobogó: Ipeafro, 2022.

NEVES, Gabriele Vieira. **Corpos surdos na arte De'VIA**: resistências políticas das imagens. 2021. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2021.

RIBEIRO, Tiago. SOUZA, Rafael. SAMPAIO, Carmen Sanches. Conversa como metodologia de pesquisa: uma metodologia menor? In: **Conversa como metodologia de pesquisa, por que não?** orgs. Tiago *Ribeiro,* Rafael de Souza, Carmen Sanchez Sampaio. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBEIRO, Tiago. SILVA, Aline Gomes. VIGNOLI, Lucia. Sobre experiência, currículo e formação docente: tornar-se docente de jovens e adultos surdos no cotidiano de uma escola bilíngue. In: Rafael Marques Gonçalves; Allan Rodrigues; Tiago Ribeiro. (Org.). **Cotidianos e formação docente**: conversas, currículos e experiências com a escola. 1ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2019.

SILVA, Sirlene Ribeiro Alves da; VIEIRA, Camila Nagem Marques; RODRIGUES, Maria Cláudia Oliveira. Artevivências: (re) inventando o currículo escolar a partir de mulheres negras. **Série-Estudos**, Campo Grande, v. 29, n. 66, p. 161–187, 2024.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**/ Carlos Skliar; tradução Giane Lessa. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2013.

VIGNOLI, Lucia. Escuta Visual. In: **Dicionário de pesquisa narrativa**. Orgs. Reis, G. Oliveira, I B, Baroni, P. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022.

VILHALVA, Shirley. **Pedagogia Surda**. Petrópolis: Arara Azul, 2004.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.64.1.10-22
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons